

E D U C A Ç Ã O

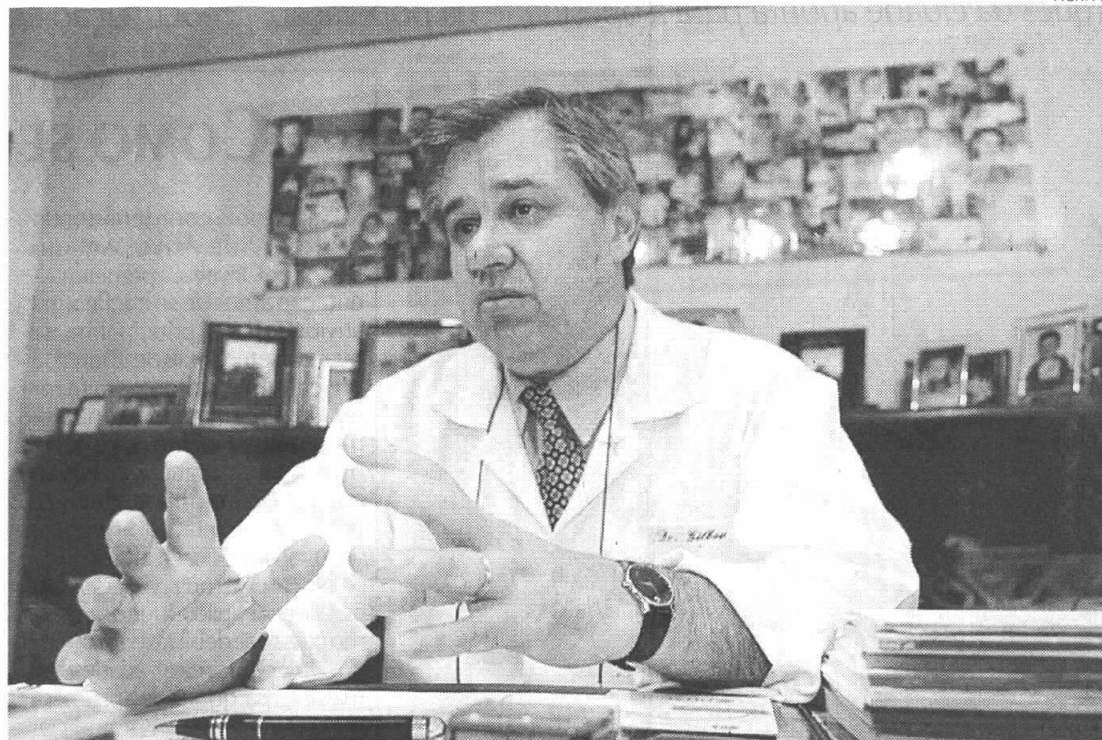
'É difícil ser pesquisador no Brasil'

Um dos maiores especialistas em reprodução humana no mundo está em Maringá, e confessa frustração diante dos obstáculos que enfrenta

MARCELO FRAZÃO
Equipe O DIÁRIO

O médico maringaense Carlos Gilberto Almodim representa de forma clara o sentimento que toma boa parte dos cientistas brasileiros: sente-se um anônimo no Brasil, embora seja aplaudido e respeitado no exterior. Suas pesquisas nas áreas genética e de reprodução humana, apresentadas em congressos internacionais ao redor do mundo, renderam-lhe diversos prêmios e o reconhecimento da comunidade científica internacional. Há 22 anos Almodim desenvolve suas investigações científicas sem o apoio financeiro governamental — e praticamente em silêncio para um pesquisador de seu porte, de dentro de sua clínica, a MaterBaby, em Maringá.

Duas conquistas de peso do pesquisador figuram na galeria de méritos. Em 1986, Almodim, que se declara um apaixonado pela reprodução humana, após o primeiro bebê de proveta do mundo (1979), promoveu a segunda fecundação in vitro brasileira. Em 1994, conseguiu a primeira gestação de uma mulher em menopausa na América Latina. O fato está registrado no Guinness Book — o conhecido Livro dos Recordes. Em 1996, permitiu uma gestação com espermatozoides de um homem estéril, utilizando a técnica de



Gilberto Almodim tem reconhecimento internacional e critica os 'copiadores de pesquisa'

aspiração dos gametas masculinos. Além das próprias pesquisas, O médico também desenvolveu equipamentos, hoje patenteados, que diminuem os custos de alguns procedimentos de maneira significativa.

Recentemente obteve do Ministério da Saúde e do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) aprovação para seguir em frente numa técnica que pode garantir esperança de fertilidade a pacientes que se submetem a tratamento radioterápico para câncer, que elimina a capacidade reprodutiva feminina devido ao bombardeio radioativo.

O método consiste em retirar partes do tecido germinativo de um dos ovários, congelá-lo e, após o tratamento de radioterapia, reimplantá-los. O protocolo completo dos procedimentos ainda não está pronto, mas o médico crê que em meados de 2005 já seja possível vislumbrar as primeiras aplicações da técnica com sucesso em humanos, com autorização da Conep, depois de testes em ovelhas e coelhos já feitos com resultados satisfatórios.

Almodim ataca a comunidade científica internacional de

forma virulenta, a quem credita a pecha de copiadores de pesquisa — inclusive as dele mesmo. “A maioria é de aproveitadores que ficam à espera do resultado dos colegas”, acusa. Depois de sofrer golpes nesse sentido, Almodim diz que se prepara, no ano que vem, para anunciar de forma inédita no mundo mais descobrimentos importantes para a medicina reprodutiva: “Tenho até medo de sonhar agora, porque de repente copiam”, ironiza.

O DIÁRIO DO NORTE DO PARANÁ — Por que ser cientista em uma cidade do interior do país e não num grande centro?

As cidades do interior dos países estão cheias de bons cientistas. O primeiro bebê de proveta, por exemplo, foi produzido no interior da Inglaterra, numa cidade de 5 mil habitantes. O melhor oftalmologista do século está numa cidade que é metade de Maringá. Quem chega na clínica dele vê gente do Egito, da Arábia Saudita, de todo mundo. Hoje os bons profissionais não estão interessados em

ficar em grandes centros. Queremos é qualidade de vida para podermos desenvolver nossas pesquisas de forma tranquila. Eu seria um insano se trocasse Maringá por São Paulo.

Como se relacionam os cientistas na comunidade internacional?

Esse é um relacionamento complicado. Tem alguém no mundo que está fazendo as pesquisas sobre ovários de maneira melhor? Não, não tem. Nem na Inglaterra, nem nos EUA, nem na Bélgica, nem em lugar nenhum. Eles ainda não sabem e eu não posso falar mais detalhes da minha pesquisa porque senão me copiam, como já aconteceu. Um médico de Curitiba aproveitou quando eu estava nos EUA e espalhou que sabia fazer os procedimentos. E ele nem sabe o que é um tecido germinativo. As nossas pesquisas agora só vão ser divulgadas quando estiverem finalizadas, e em nível internacional.

Puxar o tapete é comum na alta pesquisa entre cientistas?

É, e é terrível. É um tal de passar a perna no outro... Pra você,

quem inventou o avião? Santos Dumont, certo? Para os americanos são os Irmãos Whright. Se ele tivesse feito aqui no Brasil o que fez na França, não tinha dado em nada, ninguém nem saberia quem era ele. A sorte dele é que estava na França e se mostrou em volta da Torre Eiffel. Se é aqui no Rio de Janeiro...

Nesse ambiente, como o senhor se precavê quanto às patentes dos equipamentos que desenvolve?

Quando o assunto é patentes, aí que fica mesmo fechado a sete chaves porque entra dinheiro no meio. Temos materiais que estamos desenvolvendo agora e não falamos nem para quem está perto. Inventei um aparelho para operações em bebês ainda dentro da barriga da mãe e patentei. Esse aparelho, por exemplo, substitui outro importado que custava US\$ 1,2 mil. O nosso custa R\$ 200 e podemos fazer mil cirurgias com ele. Para nós isso é importantíssimo mas para um americano pode não ser. Inventei outro que vai substituir um aparelho que custava US\$ 2,6 mil e que era descartável, podendo ser utilizado somente uma vez. Se eu pudesse fazer a patente da técnica cirúrgica, aí sim, quem quisesse fazer pagaria pelo uso da técnica. Mas não se pode patentear uma técnica. Como queremos que as pessoas façam certo, quem quiser aprender, nós ensinamos. É a mesma coisa que pegar o manual do carro, ler e dizer que sabe dirigir. Não vale pegar um trabalho meu e dizer que sabe... É o que um 'doutor' de Israel queria fazer agora. Ele me encontrou e disse que estava fazendo numa paciente o que estamos ainda testando em coelhos. Disse a ele: “Mas rapaz, você é louco?! Não é assim não!” Você pegar um trabalho de outro e sair por aí fazendo é errado. Gente séria não faz isso e medicina não funciona dessa forma.

E como a comunidade internacional trata os pesquisadores

brasileiros?

Quando se está numa esfera de seriedade grande, entre geradores de conhecimento e tecnologia, cientistas criativos, aí o relacionamento é muito bom. Mas isso é uma minoria. A maioria em volta são de espertalhões que tentam pegar a idéia do outro, passar a perna. Abomino um pesquisador francês que nem faz reprodução e é endoscopista. Num encontro recente nos EUA ele foi convidado para defender a técnica e não compareceu. Sorte a dele porque tinha uma bateria de questionamentos que ele iria enfrentar. Ciência se tem que provar, não basta falar.

O senhor se vê frustrado com a falta de reconhecimento das pesquisas que desenvolve?

Aqui no Brasil você pode sair gritando no meio da rua que ninguém nem fala nada. Então é melhor divulgar fora do Brasil mesmo, na Inglaterra ou nos EUA. Isso frustra não só a mim, mas todo pesquisador brasileiro. Alguns que fazem por ideal como eu não sabem nem se vão ganhar dinheiro com isso algum dia. Provavelmente não. É importante que as pessoas que vão ter acesso à tecnologia recebam informações. Senão, pouco adianta fazer a pesquisa, se ela não for divulgada. Às vezes vejo a Globo e outras TVs gastarem meia hora explorando porcarias de drogas enquanto tem gente fazendo coisa fantástica aqui do lado. Há alguns anos fiz a primeira mulher em menopausa na América Latina a engravidar e a terceira do mundo. Telefonamos para uma TV local e disseram que não cobririam porque os produtores de leite iriam jogar o produto fora, portanto não poderiam vir aqui. Perguntei se eles achavam mais importante leite sendo jogado fora em protesto ou o primeiro bebê de mulher em menopausa do país. Naquela época se jogava leite fora todo ano por causa do preço. Vai me dizer que isso não frustra?